

Futuro governo muda os hábitos da capital do País

14 JAN 1980

O presidente eleito e seus assessores alteram o roteiro gastronômico do DF

MARLENE GALEAZZI

BRASÍLIA — O poder, em Brasília, independentemente de época, sempre elegeu o seu restaurante predileto, onde menus e decoração iam se amoldando ao gosto dos poderosos. Alguns sobreviveram a mais de um governo, mas a maioria entrou e saiu de cena da mesma maneira que os seus freqüentadores. Outros desapareceram: viraram apenas fotos, memória de uma Brasília que, em abril, completa 30 anos.

Como nos velhos tempos, o restaurante Gaf, no Lago Sul, entra na cena política e se prepara para reviver o período em que virou moda e ponto de encontro obrigatório dos poderosos do primeiro escalão governamental. E isso porque, no dia em que Fernando Collor foi diplomado, seus irmãos Pedro e Leopoldo dispensaram a festa na casa do empresário Eduardo Cardoso para lá almoçarem, em companhia de um grupo de amigos. O mesmo fez Leda Collor, mãe do presidente eleito, na feijoada do sábado seguinte. Com a freqüência crescente da família Collor de Mello, o movimento do Gaf não só aumentou, como todas as mesas já estão reservadas para a semana da posse, segundo o gerente, Waldemar Oliveira Neto.

Inaugurado na semana em que o general Ernesto Geisel se transformou no quarto presidente do regime militar, o restaurante Gaf, foi uma espécie de prolongamento do gabinete de trabalho das figuras mais importantes do poder. Enquanto almoçavam ou jantavam, elas tomavam importante decisões. Mas, se o trabalho era quase idêntico, o mesmo não acontecia na escolha do menu. "O ministro Mário Henrique Simonsen gostava de lagosta à Thermidor, enquanto Delfim Netto ficava entre o filé da casa e a rã à moda", confia o gerente Waldemar, que, naquela época, era o garçom preferido dos ministros.

O general Orlando Geisel, irmão do presidente, se não che-



Wilson Pedrosa/AE

Restaurante Gaf: inaugurado na época do governo Geisel, volta à moda com Collor

gou a tomar nenhuma decisão ou a assinar ordens de serviço nas mesas do Gaf, reunia em volta delas os seus amigos de caserna, quando estavam em Brasília. Dulce Figueiredo, quando primeira dama, chegou a usar o Gaf algumas vezes como casa de chá, reunindo colunáveis e mulheres de políticos. Entre elas, Leda Collor de Mello e sua nora Rosane, mulher do presidente eleito. "O Gaf era considerado o restaurante do poder, por isso a oposição pouco o freqüentava", diz Lygia Camargo, que foi uma de suas relações públicas. A oposição não se sentia bem freqüentando o Gaf e acabou fazendo sua trincheira numa casa inaugurada em 1977, numa rua comercial do Plano Piloto: o Tarantella, mais tarde

rebatizado Piantella, onde nasceu o "clube do poire" de Ulysses Guimarães.

Com a chegada da Nova República, o Gaf foi saindo da cena política, para ser substituído pelo Piantella e pelo Florentino, inaugurado no ano em que Sarney assumiu a Presidência. O que era um local de encontro político obrigatório transformou-se num lugar freqüentado apenas pela sociedade local e pessoas criadas na cidade. Como Fernando Collor, quando vinha de Alagoas e queria encontrar os amigos em um ambiente calmo. Roberto Levy, idealizador e dono do Gaf, que tratava pessoalmente os clientes, "como gente da casa", decidiu partir para outros empreendimentos e

vender o restaurante de maior tradição política da cidade.

Na feijoada de que participou no Gaf, após a diplomação do filho como presidente, Leda Collor fez questão de declarar: "Continua o bom ambiente que nós conhecíamos". Para um dos atuais proprietários, Anilton Ambrósio, um gaúcho de 27 anos e sócio de um grupo que é dono de mais de cem restaurantes em todo o Brasil, isso "foi a prova" de que eles estão "no caminho certo". Para atender às exigências dos novos tempos que o Gaf começa a viver, Anilton já conta com 46 funcionários e oito cozinheiros. "Vamos viver os tempos Collor com casa lotada e muita criatividade", promete ele.